

# A FRAÇÃO BLOOMSBURY\*

Raymond Williams

Tradução de  
Rubens de Oliveira Martins\*\*  
Marta Cavalcante de Barros\*\*\*

**Resumo:** O autor discute a importância da análise sociológica de grupos culturais, centrando o foco no grupo Bloomsbury, formado na Inglaterra, nas primeiras décadas do século XX, do qual participaram figuras ilustres como Virginia Woolf e Maynard Keynes. Tentando superar as visões autoconstruídas do grupo, Williams analisa sua significação social e cultural, através da identificação dos valores compartilhados, notadamente a afeição pessoal e o prazer estético, que fizeram Bloomsbury representar um "estilo novo". Mais ainda, seus membros seriam os primeiros representantes de uma mutação geral dentro do setor profissional mais educado da classe dirigente, agindo como portadores dos valores clássicos do Iluminismo burguês, e defendendo o valor do indivíduo civilizado, cujo desenvolvimento seria o objetivo a ser perseguido como única posição social aceitável.

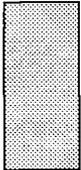
**Palavras-chave:** Bloomsbury, grupos culturais, sociologia da cultura, individualismo, modernidade

\* Este ensaio foi publicado originalmente como um capítulo do livro "Problems in Materialism and Culture". London, Verso Editions, 1980, sob o título "The Bloomsbury fraction".

\*\* Mestre em Sociologia pela FFLCH-USP, especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, assessor do Departamento de Política do Ensino Superior do SESU-MEC.

\*\*\* Mestre e doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH-USP.

Existem sérios problemas de método na análise de grupos culturais. Quando analisamos grandes grupos sociais, temos alguns métodos óbvios e úteis à nossa disposição. O grande número de casos permite análises estatísticas significativas; existem geralmente instituições organizadas e crenças relativamente codificadas; existem ainda muitos problemas na análise propriamente dita, mas nós podemos, pelo menos, iniciar nossa discussão a partir dessas considerações já razoavelmente complexas.



No caso de um grupo cultural, o número de pessoas envolvidas é geralmente muito pequeno para que se realizem análises estatísticas. Podem existir ou não instituições organizadas, através das quais o grupo funciona ou se desenvolve; mas até mesmo as instituições mais organizadas são diferentes em escala e em tipo das dos grandes grupos. Os princípios que unem o grupo podem ou não estar codificados; e onde quer que eles estejam codificados, um certo tipo de análise é imediatamente relevante. Mas existem grupos culturais muito importantes que têm em comum um corpo de práticas ou um *ethos* que os distinguem, ao invés de princípios ou objetivos definidos em um manifesto. O que o próprio grupo não formulou até pode ser reduzido a um conjunto de formulações que pode levar a uma redução, simplificação, ou até mesmo a um empobrecimento de seu significado.

Não há dúvidas quanto a importância social e cultural de tais grupos, desde os mais organizados aos menos organizados. Nenhuma história da cultura moderna poderia ser escrita sem se dar atenção a eles. Mas, ao mesmo tempo, tanto a história quanto a sociologia não se sentem à vontade com eles. É possível encontrar análises históricas de certos grupos, mas raramente de cunho comparativo ou analítico. Na sociologia da cultura, encontramos o efeito da sociologia geral em sua tendência a concentrar-se em grupos de cunho mais familiar, com instituições relativamente organizadas: igrejas, na sociologia da religião; o sistema educacional, na sociologia da educação. Em outras áreas da cultura — literatura, pintura, música, teatro, e para aquilo que implica o pensamento filosófico e social — há geralmente ou especialização ou redução. O grupo, o movimento, o círculo, a tendência parecem ou muito marginais ou muito pequenos ou muito efêmeros para exigir uma análise histórica ou social. Entretanto, sua importância como um fato social e cultural geral, principalmente nos últimos dois séculos, é grande: naquilo que eles realizaram, e no que seus modos de realização podem nos dizer sobre as sociedades com as quais eles estabelecem relações, de certo modo, indefinidas, ambíguas.

Estas são considerações gerais mas que se tornam **particularmente** importantes sobretudo no caso do grupo Bloomsbury, pelo menos porque, de forma influente, eles saíram de seu **caminho**, por asserção ou sugestão, para desviá-las ou negá-las. Por exemplo, Leonard Woolf diz:

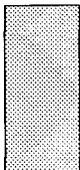
*“O que veio a ser chamado de grupo Bloomsbury nunca existiu na forma dada a ele pelo mundo exterior. Porque Bloomsbury foi e é utilizado — geralmente de modo abusivo — correntemente como um termo aplicado a um grupo, em grande parte imaginário, de pessoas com objetivos e características também em grande parte imaginárias... Nós éramos e sempre permanecemos primeira e fundamentalmente um grupo de amigos.”*

(WOOLF, 1964, pp. 21,23)

É claro que, quando Leonard Woolf queixou-se de um erro de representação, ele tem coisas importantes a dizer. Mas o interesse teórico de sua observação é que, em primeiro lugar, ao enunciar “*grupo em grande parte imaginário*” ele admite como dado a existência do conceito de um “*mundo exterior*”, e, em segundo lugar, ele contrapõe “*um grupo de amigos*” a uma noção mais ampla de grupo. Mas é um fato central nas várias considerações existentes que nem todos os grupos deste tipo começam e se desenvolvem como um “*grupo de amigos*”. O que temos então que perguntar é se alguma das idéias ou atividades compartilhadas entre eles foram elementos de sua amizade, contribuindo **diretamente** para sua formação e distinção como um grupo, e, **mais do** que isto, se existia algo sobre a forma como eles se tornaram **amigos** que indicasse fatores sociais e culturais mais abrangentes. É interessante, pois, continuar a citação:

*“Nós éramos e sempre permanecemos primeira e fundamentalmente um grupo de amigos. Nossas raízes e as raízes de nossa amizade estavam na Universidade de Cambridge.”*

(WOOLF, 1964, p. 23)



Assim, é especialmente significativo que, para Bloomsbury, a “Universidade de Cambridge” possa ser tomada, desta forma, como se fosse uma simples localidade, ao invés de ser a instituição social e cultural altamente específica que ela era e é. Mais que isso, as raízes sociais e culturais desta forma particular de percepção — o “grupo” e o “mundo exterior” — devem, por sua vez, ser investigadas em relação à sua precisa formação e posição social.

Desta forma, este é o verdadeiro problema da análise social e cultural de qualquer tipo mais organizado de grupos: levar em consideração não apenas as idéias e atividades manifestas, mas também as idéias e posições que estão implícitas ou mesmo que são aceitas como um lugar-comum. Isto é especialmente necessário para a Inglaterra dos últimos cem anos, na qual o significado de grupos como Bloomsbury ou, para ter outro exemplo relevante, o grupo *Scrutiny* de F.R. Leavis, tem sido amplamente reconhecido, embora sob uma perspectiva frágil e generalizante. Uma vez que os conceitos aos quais tais grupos são referidos pertencem, essencialmente, às definições e perspectivas dos próprios grupos, qualquer análise que se realize tende a ser interna e circular.

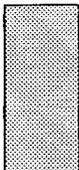
É o que ocorre, por exemplo, com o conceito de “aristocracia intelectual”, que Lord Annan popularizou e documentou; e também com o conceito de “cultura minoritária”, que Clive Bell, do Bloomsbury, e que F.R. Leavis, do *Scrutiny*, defendiam, cada um a sua maneira. O verdadeiro problema não é perguntar sobre a inteligência ou sobre o grau de educação de tais grupos auto-definidos. Ao contrário, o importante é relacioná-los, em suas formas específicas, àquelas condições mais abrangentes que os conceitos de uma “aristocracia” ou de uma “minoridade” implicam e obscurecem. Isto significa perguntar sobre a formação social de tais grupos, dentro de um contexto definido de uma história mais ampla, envolvendo relacionamentos mais gerais de classe social e educação. Significa, além disso, perguntar sobre os efeitos das posições relativas a qualquer formação particular em suas atividades substantivas e autodefinidoras: efeitos que podem geral-

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

mente ser apresentados como simples evidência da distinção, mas que, observados a partir de uma perspectiva diferente, podem ser vistos de modos menos perceptíveis como definidores.

Assim, a apresentação de Annan de uma aristocracia intelectual, composta por um número de famílias intelectualmente eminentes, deve ser restringida por duas diferentes considerações: primeiro, o efeito, incluindo o da descendência, da posição social destas famílias influenciando nas oportunidades de distinção intelectual de seus membros; e, segundo, o fato de estas famílias, enquanto conjunto de pessoas que não precisam — exceto por uma suposição fundamentada — ser descritas como se fossem originárias do mais eminente mundo social (um método que permite inclusões virtualmente indefinidas pelo relacionamento, onde a inclusão pela distinção independente poderia apresentar mais problemas); mas que, uma vez que as famílias eminentes são o ponto de partida, podem todos, pelo critério aparentemente independente das realizações intelectuais, serem incluídos e elogiados. Creio que isto é verdadeiro, pois realmente por critérios independentes, no caso de muitas das questões de Annan, alguns importantes grupos de distinção são evidentes. Mas estes podem então estar abertos para tipos bastante diferentes de análises e conclusões a partir da noção ideológica e ideologicamente derivada de uma “aristocracia intelectual”.

As mesmas considerações se aplicam ao grupo Bloomsbury, especialmente como nós o vemos agora, com alguma distância histórica. Ele pode ser apresentado como um extraordinário agrupamento de talentos. Ainda que em Bloomsbury também exista, muito claramente, uma superioridade por associação. É interessante ir até o fim da lista de Leonard Woolf sobre o antigo Bloomsbury e suas últimas adesões (WOOLF, 1964, p. 22). É difícil ter certeza nestas questões, mas vale a pena perguntar quantas pessoas nesta lista poderiam ser lembradas agora independente e separadamente, em qualquer sentido cultural significativo, de sua participação no grupo. Quero dizer que em um tipo de apresentação nós podemos encabeçar a lista com Virginia Woolf,



E.M. Foster e J.M. Keynes, e então ampliar o círculo para os outros. Mas suponha que nós tomemos a lista como ela se apresenta: Vanessa Bell, Virginia Woolf, Leonard Woolf, Adrian Stephen, Karin Stephen, Lytton Strachey, Clive Bell, Maynard Keynes, Duncan Grant, Morgan Foster, Saxon Sydney Turner, Roger Fry, Desmond MacCarthy, Molly MacCarthy, Julian Bell, Quentin Bell, Angelica Bell, David (Bunny) Garnett. É uma lista de renomados e alguns outros nomes. É exatamente o que poderíamos esperar de acurada descrição de um grupo de amigos e suas relações, feita por Leonard Woolf, que incluiu algumas pessoas cujo trabalho poderia ser amplamente respeitado se o próprio grupo não fosse lembrado, e outros de quem este não é claramente o caso, e outros ainda em quem é difícil distinguir entre a reputação individual e o efeito da associação no grupo e suas memórias.

No entanto, há uma preocupação em não diminuir a importância de ninguém. Isto poderia ser realmente uma aproximação grosseira com alguns dos próprios modos de julgamento humano que grupos como Bloomsbury efetivamente popularizaram. O verdadeiro ponto é ver a importância do grupo cultural para além da simples apresentação empírica e da auto-definição como um "grupo de amigos". É perguntar o que o grupo era, social e culturalmente, como uma questão distinta (embora relacionada a ela) das realizações dos indivíduos e seus próprios relacionamentos imediatamente percebidos. É exatamente porque tantos grupos culturais modernos importantes são formados e se desenvolvem desta forma que precisamos levantar, mesmo contra as dúvidas que surgem acerca do Bloomsbury, certas difíceis questões teóricas.

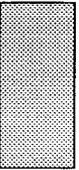
Assim está claro que nenhuma análise que negligencie os elementos de amizade e relacionamento, através dos quais o grupo se reconhece e se autodefine, poderia ser adequada. Ao mesmo tempo, qualquer restrição a estes termos poderia ser uma clara diminuição da importância geral do grupo. Assim, precisamos pensar sobre formas de análise que evitem que se confunda um tipo de definição com outro, no que se refere tanto a um grupo

generalizado quanto a um agrupamento empírico. É exatamente por causa da sua formação interna específica e seu evidente significado geral — as duas qualidades tomadas em conjunto — que Bloomsbury é tão interessante. É também um caso particularmente importante do ponto de vista teórico, uma vez que é impossível desenvolver uma moderna sociologia cultural a menos que encontremos modos de abordagens de tais formações, as quais admitem os termos através dos quais os grupos se vêem e aqueles pelos quais eles gostariam de ser apresentados, e que, ao mesmo tempo, nos permitem analisar estes termos e sua significação social e cultural.

E por causa disto, embora eu pretenda discutir principalmente Bloomsbury, precisarei dizer algo também sobre Godwin e seu círculo e também sobre a Irmandade Pré-Rafaelita. Isto se dá em parte para realizar uma comparação, incluindo uma comparação histórica, mas constitui também um meio de começar a encontrar termos para uma discussão mais geral.

### A formação de Bloomsbury

Primeiramente, percebemos que certos princípios fundantes e declarados do grupo Bloomsbury eram de um tipo que correspondiam diretamente ao seu modo preciso de formação e às atividades pelas quais a maioria deles é lembrada. Uma descrição após outra enfatiza a centralidade dos valores compartilhados, da afeição pessoal e prazer estético. Para qualquer formulação consciente desses valores somos frequentemente remetidos para a grande influência de G.E.Moore sobre os amigos excêntricos de Cambridge. Estes valores compartilhados foram expressos de modos específicos. Havia uma ênfase sustentada na franqueza: as pessoas deveriam dizer umas às outras exatamente o que pensavam e sentiam. Houve também uma grande ênfase na clareza: as afirmações sinceras, ou qualquer outro tipo de afirmação, deveria estar preparada para a seguinte questão: 'O que exatamente



você quer dizer com isso?'. Estes hábitos e valores compartilhados foram então imediatamente relevantes para a formação interna do grupo e para alguns de seus efeitos externos. Os valores que os tornaram tão próximos logo deram a eles uma auto-estima que os fazia sentir, num olhar auto-reflexivo, como diferente dos outros, o que, por sua vez, poderia identificá-los imediatamente. Por isso, neste ou em outros pontos importantes, eles tinham uma postura avançada para sua classe:

*“Quando eu fui ao Ceilão (em 1904) — e até mesmo quando eu retornei (em 1911) — eu ainda chamava Lytton Strachey de Strachey e Maynard Keynes de Keynes, e, para eles, eu ainda era Woolf. Quando eu passava uma semana com os Strachey no interior em 1904, ou jantava na Gordon Square com os Stephens seria inconcebível que eu chamasse as irmãs dos Lytton ou dos Toby por seus primeiros nomes. O significado social de usar o primeiro nome ao invés do sobrenome e de beijar ao invés de apertar as mãos é curioso. Seu efeito é maior, eu acho, do que podem imaginar aqueles que nunca viveram em uma sociedade mais formal. Eles produzem um sentido — geralmente inconsciente — de intimidade e liberdade, e quebram barreiras do pensamento e dos sentimentos. Era este sentimento de grande intimidade e liberdade, de colocar de lado as barreiras e formalidades, que eu achei tão novo e tão estimulante em 1911. Ter discutido alguns assuntos ou ter falado abertamente sobre sexo na presença da Sra. Strachey ou da Sra. Stephen seria inimaginável sete anos antes; aqui, pela primeira vez, eu encontrei um círculo muito mais íntimo (e mais amplo) no qual a liberdade completa de pensamento e de expressão foi prolongada para Vanessa e Virginia, Pippa e Marjorie.”*

(WOOLF, 1964, pp. 34-5).

Este sentido de liberação foi um estágio no desenvolvimento do grupo original de amigos de Cambridge. Era uma realização local de suas primeiras atitudes:

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

*Nós estávamos convencidos de que todos acima de 25 anos, com talvez uma ou duas importantes exceções, estavam 'sem esperança', tendo perdido o elan da juventude, a capacidade de sentir, e a habilidade de distinguir a verdade da falsidade... Nós nos encontramos vivendo em uma primavera de uma revolta consciente contra as instituições sociais, políticas, religiosas, morais, intelectuais e artísticas, contra as crenças e padrões de nossos pais e avós.... Nós não estávamos com a vanguarda da época; nós estávamos na vanguarda dos construtores de uma nova sociedade que deveria ser livre, racional, civilizada, em busca da verdade e do belo."*

(WOOLF, 1960, pp. 160-1)

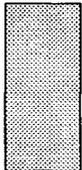
Deve estar claro que este era um movimento muito mais amplo que Bloomsbury. Neste sentido mesmo, com uma mistura característica de honestidade e leviandade, Leonard Woolf percebeu que:

*"nós nos sentíamos como sendo a segunda geração neste excitante movimento", embora a atitude para quase todos acima de 25 anos parece ter sobrevivido a isto. De fato, a maioria das atitudes e opiniões foram derivadas, como aqui, de Ibsen, e dizendo 'Tolice!' para o vasto sistema de hipocrisia que usa mentiras para os interesses velados do establishment, da monarquia, da aristocracia, das classes superiores, da burguesia provinciana, da Igreja, do Exército, do mercado de trocas."*

(WOOLF, 1960, p. 164)

O que Bloomsbury realmente representou no desenvolvimento desse movimento mais amplo foi um "estilo novo".

Era um estilo impressionante para a nova franqueza crítica. Mas existiam elementos na sua formação que trouxeram outros matizes, e não apenas caracterizando-os como uma facção de uma classe, um avançado grupo autoconsciente. A franqueza podia variar de tom indo da extrema rudeza para a 'falta de esperança'.



Há também algo muito curioso sobre a fidelidade às afeições pessoais. Isto é difícil de estimar, a distância 'de fora', mas afeição, ao contrário de qualquer outra palavra mais forte, parece ser exata. Uma franqueza insensível como o tom intelectual dominante parece ter tido seu efeito em certos níveis da vida emocional. Isto era, é claro, já evidente em Shaw, e também na correlata (embora mais ampla) formação de Fabian. Há um momento inesquecível em uma conversa entre Virginia Woolf e Beatrice Webb, em 1918:

*“Beatrice havia perguntado a Virginia o que ela tencionava fazer agora que ela estava casada. Virginia disse que ela queria continuar a escrever romances. Beatrice pareceu aprovar e alertou Virginia para que não permitisse que as relações emocionais interferissem em seu trabalho. Acrescentou: ‘Nós sempre dizemos que o casamento é a lata de lixo das emoções.’ Ao que, como se ambas estivessem chegado a uma compreensão mútua, Virginia respondeu: ‘Mas um velho empregado não a limparia também?’*

(WOOLF, 1964, p. 117)

O fato de que Virginia, em seu próprio registro da conversa, tomou “lata de lixo” por “privada”, apenas aprofunda sua fascinação irônica.<sup>1</sup>

Há um sentido no qual a racionalidade e a franqueza conferem à ‘afeição’ uma definição restrita, porém importante. Por outro lado, o que é bastante evidente no grupo é uma tolerância significativa nas questões sexuais e emocionais. Esta tolerância valiosa e o peso exato da ‘afeição’ parecem realmente estar ligados.

Um fator final que deve ser somado a esta definição inicial da estrutura de sentimentos do grupo pode ser representado pelo termo “consciência social”. Eles não foram seus criadores, e em qualquer caso este é um fator muito mais evidente após 1918 do que antes de 1914. Ele se relaciona, certamente, com a irreverência compreensiva a respeito das idéias e instituições estabilizadas, na sua fase inicial. Mas ele se torna algo mais.

A fração Bloomsbury  
Raymond Williams

<sup>1</sup> O trocadilho em inglês se refere, respectivamente, aos termos “waste paper basket” e “waste pipe”.

Nada contradiz mais facilmente a imagem que temos de Bloomsbury como estetas retirados e lânguidos que o notável registro de envolvimento político e em organizações, entre as guerras, de Leonard Woolf e Keynes, mas também de outros, incluindo Virginia Woolf, que mantinha encontros de um grupo do Grêmio de Cooperação das Mulheres regularmente em sua casa. O registro público de Keynes é suficientemente bem conhecido. O de Leonard Woolf, em seu trabalho prolongado na Liga das Nações, no movimento cooperativo, e para o Partido Trabalhista, especialmente nas questões antiimperialistas, é especialmente admirável.

Poderia então ser uma surpresa, para Bloomsbury e aqueles formados na sua imagem, possuírem uma certa consciência social. O próprio conceito de 'consciência social', neste período, tornou-se amplamente internalizado, o que torna muito difícil analisá-lo. Mas, uma forma de fazer isso é notar sua difundida associação com o seguinte e significativo enunciado: "preocupação com os injustiçados". O que precisa ser cuidadosamente definido é a associação específica do que são os sentimentos de classe realmente inalterados — um sentido persistente de uma linha bastante clara entre uma classe superior e uma classe inferior — com sentimentos muito fortes de simpatia com as classes inferiores vistas como vítimas. Assim, a ação política é dirigida para a reforma sistemática ao nível da classe dirigente; o desprezo pela estupidez dos setores dominantes dessa classe dirigente sobrevive, praticamente inalterado, desde a fase inicial. É claro que a contradição inerente a isto — a busca de reformas sistemáticas ao nível das classes dirigentes, a qual é considerada, em sua maioria, desprovida de visão e estúpida — não é ignorada. É uma questão de a consciência social continuar explicando e propondo, nos níveis oficiais e, ao mesmo tempo, ajudando na organização e educação das vítimas. O problema não é que esta consciência social é irreal; ela é, na verdade, bastante real. Mas é a formulação precisa de uma posição social particular, na qual uma fração da classe superior, rompendo com sua maioria dominante,

se relaciona com uma classe inferior como uma questão de consciência: não em solidariedade, não em afiliação, mas como uma extensão do que é ainda sentido como obrigação pessoal ou do pequeno grupo, mais uma vez contra a crueldade e estupidez do sistema e a favor de suas vítimas desesperançadas.

O complexo de atitudes políticas, e conseqüentemente de reformas sociais e políticas de um certo tipo, que decorreu desta 'consciência social' foi especialmente importante na Inglaterra. Ela tornou-se até mesmo consensual, desde a ala direita do Partido Trabalhista até o Partido Liberal e uns poucos conservadores mais liberais. Bloomsbury, incluindo Keynes, estava neste como em outros assuntos bem à frente de seu tempo. Em seus órgãos, desde o *New Statesman* até o *Political Quarterly*, ele foi, neste período, secundado em importância neste consenso apenas pela Sociedade de Fabian. Em sua hostilidade ao imperialismo, em que a identificação consciente com as vítimas era mais negociável que na própria Inglaterra, sua contribuição foi bastante significativa. Sustentando sua hostilidade inicial ao militarismo, ele representou um elemento do consenso que não foi, mais tarde, e mais precisamente durante a guerra fria, esquecido. Mas o que mais nos interessa agora, na definição do grupo, é a natureza da conexão entre estes importantes comportamentos políticos e o grupo pequeno, racional e sincero. O verdadeiro termo de ligação é a 'consciência'. É um senso de obrigação individual, ratificado entre amigos civilizados, que tanto governa os relacionamentos imediatos quanto pode ser ampliada, sem alterar sua base local, para 'preocupações sociais' mais abrangentes. Ele pode então ser diferenciado, como o próprio grupo sempre insistiu, da insensível, complacente e estúpida mentalidade do setor dominante da classe. Ele precisa também ser diferenciado — e isto o grupo e seus sucessores não viram — da 'consciência social' de uma classe subalterna auto-organizada. Estas posições políticas tão diferentes nunca foram de fato rejeitadas nem tomadas a sério. O contato próximo com elas, a partir desta 'consciência social', exigia uma quase não

consciência de si mesmo e, a seu próprio modo, quase puro patronato. Assim, se isto não fosse dado, estas novas forças não conseguiriam ser mais racionais e civilizadoras que aquelas de seus mestres atuais.

Nestas definições iniciais dos significados e valores que fizeram deste grupo mais que um grupo de amigos — significados e valores, é óbvio, que a todo momento, por causa do que eles eram, sustentou sua autopercepção como *apenas* um grupo de amigos, uns poucos indivíduos civilizados —, nós chegamos ao limite da definição central da importância social do grupo Bloomsbury. Eles eram uma verdadeira fração da classe superior inglesa da época. Eles foram, num primeiro momento, contra as idéias e valores dominantes e continuaram, de modo condescendente, e ao mesmo tempo, parte dela. É uma posição muito complexa e delicada, mas o significado de tais frações tem sido geralmente subestimado. Não é apenas a questão deste relacionamento problemático dentro de um momento particular. É também uma questão da função de tais relacionamentos e de tais grupos no desenvolvimento e adaptação, através do tempo, da classe como um todo.

### Godwin e seu círculo

É aqui que podemos olhar brevemente, através da comparação, para dois grupos ingleses precursores e importantes. William Godwin e seu círculo, entre 1780 e 1790, surgiram a partir de uma dissidência bastante singular. Uma dissidência religiosa, no momento de sua formação, que já carregava implicações sociais específicas: de um setor religioso relativamente em desvantagem, na qual os efeitos de uma posição econômica e social que eram bastante diferentes daqueles das classes superiores e dirigentes de então. Godwin e seus amigos eram trabalhadores relativamente pobres, uma *intelligentzia* pequeno-burguesa emergente, sem outros meios de influência política ou social. Em sua tentativa de estabelecer racionalidade, tolerância e



liberdade eles se opunham, e sabiam que se opunham, a toda classe e ao sistema acima deles. Dentro de seu próprio grupo eles podiam discutir e tentar praticar os valores racionais da igualdade civilizada, encontrando-se inclusive em uma posição avançada no que se refere à igualdade sexual, uma vez que contavam com a participação de Mary Wollstonecraft entre eles. Em sua fase inicial eles estavam totalmente persuadidos do poder da explanação e persuasão racional. O vício era visto como sendo simplesmente um erro, e o erro poderia ser reparado com paciente fornecimento de informações. A virtude poderia ser assegurada por instituições racionais e justas. A estupidez e os dogmas que agora barravam o caminho deveriam ser corrigidos através de um esclarecimento gradual e cuidadoso.

O que ocorreu então é ainda muito notável. Eles encontraram uma classe dirigente, bem acima deles, que não era apenas arrogante e cruel mas que, naquele tempo, estava sob um novo tipo de ameaça advindo da Revolução Francesa. As propostas racionais e civilizadoras foram recebidas com a mais cruel repressão: processos, prisões e exílio. O romance de Godwin, *Things as they are*, é uma notável evocação de tal crise, no qual a verdade se torna literalmente um risco de vida, e a explanação razoável era impiedosamente perseguida. É um momento importante na cultura inglesa, ainda insuficientemente laureada pela bravura de seus primeiros ataques, e isto principalmente porque a repressão a destruiu tão profundamente e a colocou num segundo plano por toda uma geração.

Os grupos que falharam não são facilmente respeitados, ainda que o de Godwin devesse ser, pela notabilidade de suas aspirações ao lado da moralidade inerente a suas ilusões. Nós podemos facilmente chamar de falha aquilo que na verdade foi uma derrota, e que neste caso foi uma derrota para uma repressão feroz.

Num aspecto mais geral, e mais decisivo, este grupo não era uma fração, uma ruptura da classe superior. Ele era um setor emergente de uma classe ainda relativamente subordinada, a pequena burguesia comercial independente.

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

Questionando tudo, mas ainda dentro da suposição da continuidade de um discurso racional, eles foram derrotados por pessoas que mal se preocupavam em responder seus argumentos mas que, sentindo-se ameaçadas e em perigo, simplesmente os tiranizava ou prendia. E então o que aprendemos teoricamente é que não podemos descrever nenhum destes grupos culturais simplesmente em termos internos: dos valores que eles sustentam, dos significados que eles tentam viver. Tomados apenas neste sentido, Godwin e seu círculo têm algumas notáveis semelhanças com Bloomsbury, apesar de serem suas idéias mais consistentes. Mas o que importa, finalmente, não é o âmbito das idéias abstratas, mas o das relações efetivas do grupo para com o sistema social como um todo.

### A irmandade pré-Rafaelita

Analisar um sistema social como um todo implica ter sempre presente que eles passam por freqüentes modificações, seja em sua característica geral ou em suas relações internas. Na época da Irmandade Pré-Rafaelita, na metade do século XIX, uma burguesia comercial e industrial estava se tornando dominante, e algumas partes daquele discurso precursor tinham encontrado uma pequena base social. Por estas e outras razões, a característica deste novo grupo era bastante diferente. Eles se opunham fundamentalmente ao filistinismo de sua época. Em sua fase inicial eles eram irreverentes, impacientes e fingiam-se insolentes: eles estavam tentando caminhos novos e menos formais para viver entre si. Por um período, que não durou muito, eles foram parte da turbulência democrática de 1848. Mas a maneira central de sua breve unidade como grupo foi a declaração pela verdade na arte, e uma correspondente rejeição das convenções recebidas. Seu objetivo de fato era a verdade da natureza, 'nada rejeitando, nada selecionado e nada desprezando'. Eles definiram um retorno ao antigo (pré-Rafaelita) como um meio para o novo. Como um grupo



efêmero, eles praticaram uma informalidade fácil e irreverente, uma excepcional tolerância boêmia, e alguns elementos de linguagem específica do grupo (como as gírias empregadas por eles) que deliberadamente os distinguia.

Eles poderiam ser descritos como estando, cada um em seu campo específico da arte, em revolta contra a burguesia comercial, ainda que em sua maioria eles fossem originários desta mesma classe. O pai de Holman Hunt era um gerente de armazém, o de William Morris era um agente de câmbio. Mais que isso, em um grau surpreendente, à medida que eles se tornavam ativos, eles encontravam seus mecenas na mesma classe. É claro que no fim eles acabaram trilhando caminhos separados: fosse em direção a uma nova e plena integração representada por Millais, fosse em direção à ruptura de um socialismo revolucionário — embora com as mesmas ligações comerciais — de Morris. Mas em seu momento efetivo, com todas as dificuldades, eles não representaram apenas uma ruptura em sua classe — os jovens irreverentes e rebeldes — mas um meio em direção ao necessário próximo estágio de desenvolvimento daquela própria classe. Na verdade isto está sempre acontecendo com as frações burguesas: um grupo que se separa, como no caso da ‘verdade da natureza’, em termos que realmente pertençam a uma fase daquela própria classe, mas uma fase que agora está sobrecarregada pelos bloqueios do desenvolvimento tardio. É então uma revolta contra a classe mas para a classe, e não surpreende que sua ênfase no estilo, mediada convenientemente, torne-se a arte popular burguesa do próximo período.

### **A fração Bloomsbury**

Sempre há vantagem no distanciamento histórico, e Godwin e seu círculo, ou os Pré-Rafaelitas, são, desta forma, mais facilmente definidos do que Bloomsbury, que em certos aspectos tem ainda uma significativa influência contemporânea e uma pre-

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

sença bastante próxima. Assim, o propósito desta breve referência a estes primeiros grupos **mais antigos** é enfatizar e revisar alguns dos mais óbvios pontos **em comum**, analisando não apenas as diferenças ideais mas as **diferenças sociais** decisivas, que, por sua vez, podem somente ser **compreendidas** se acompanharmos o desenvolvimento da sociedade **em geral**. Na segunda metade do século XIX ocorreu um **desenvolvimento e uma reforma** compreensiva da vida profissional e **cultural da Inglaterra** burguesa. As antigas universidades foram **reformadas e tomadas** mais sérias. Os serviços administrativos foram **desenvolvidos e reformados**, por causa das novas demandas da **administração imperial** e estatal, e por causa dos exames competitivos **que entrosavam** as universidades reformadas. O caráter de mudança **da sociedade** e a estrutura econômica construiu, de fato, um **novo e importante** setor profissional altamente educado da classe **superior inglesa**: muito diferente em suas condutas e valores dos **da velha aristocracia** e da burguesia comercial. E então — uma vez **que percebemos** isto, não ficamos mais surpresos — foi deste setor, **e especialmente** de suas segunda e terceira gerações, que novas **definições e novos grupos** emergiram; e especificamente, no sentido pleno, **Bloomsbury**.

As conexões diretas do grupo **Bloomsbury com este** novo setor são bem conhecidas. Há uma **frequente conexão** com os altos níveis da administração colonial (**geralmente na Índia**), como na família Stephen, no pai de Lytton **Strachey**, na carreira inicial de Leonard Woolf. Há **continuidades antes e depois** a este respeito: os Mills no século XIX; Orwell **no século XX**. Mas o período de emergência de Bloomsbury **foi o ponto alto** deste setor, como também foi o ponto alto da **ordem social a que** serviu. O setor é distinto mas está ainda muito **próximo da parte** mais ampla da classe. Como diz Leonard Woolf **a respeito** do mundo social dos Stephens:

*“Aquela sociedade consistia dos níveis superiores da classe média profissional e das famílias provincianas, interpenetrada até um certo ponto pela aristocracia. [Ou mais genericamente]*



*Os Stephens e os Stracheys, os Ritchies, Thackerays e Duckworths tinham um intrincado emaranhado de raízes antigas e ramos da família que se prolongavam amplamente através das classes médias superiores, as famílias provincianas e a aristocracia.”*

(WOOLF, 1964, p. 74)

Um dos interesses nas considerações de Woolf é que ele mesmo estava entrando neste setor crucial tendo uma formação a partir de um meio social bastante diferente:

*“Eu era um outsider para esta classe, porque, embora eu, e antes de mim, meu pai, pertencêssemos à classe média profissional, somente recentemente nós tínhamos forçado nossa entrada nela a partir do estrato de comerciantes judeus.”*

(WOOLF, 1964, p. 74)

Ele estava então apto a observar os hábitos específicos da classe da qual Bloomsbury iria emergir:

*“Socialmente eles de modo inconsciente assumiam coisas que eu nunca poderia assumir, conscientemente ou não. Eles viviam em uma atmosfera particular de influência, maneiras, respeitabilidade, e era tão natural para eles que não percebiam isso assim como os mamíferos não percebem o ar e os peixes não percebem a água em que vivem.”*

(WOOLF, 1964, p. 75)

Mas isto era a classe como um todo. O que era decisivo na emergência deste setor profissional era a atmosfera intelectual e social das antigas universidades reformadas. Foi nelas, após a liberalização, após uma significativa recuperação da seriedade, e após a reorganização interna que assegurava o mérito preparado e competitivo, que as qualidades específicas do setor profissional emergiram dentro de conjecturas gerais da classe. Isto permitiu a presença de alguns novos recrutados, como o próprio Woolf. Isto

A fração Bloomsbury  
Raymond Williams

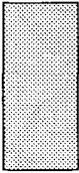
promoveu também muitas continuidades significantes e **autônomas**, dentro das antigas universidades. É por isso que isto **ainda** pode ser visto, a partir de uma perspectiva deliberadamente **sele**tiva, como uma 'aristocracia intelectual'.

*“Os membros masculinos da aristocracia intelectual britânica foram automaticamente para as melhores escolas públicas, para Oxford e Cambridge, e então para as mais respeitáveis e poderosas profissões. Eles casaram-se entre si com uma considerável frequência, e a influência da família aliada ao alto nível de sua inteligência individual os levaram ao topo de suas profissões. Podemos encontrá-los como funcionários públicos em um assento permanente de uma subsecretaria do governo; eles se tornaram generais, almirantes, editores, juízes ou então se aposentaram com um KCST ou um KCMG<sup>2</sup> após carreiras notáveis na Índia ou nos serviços civis das colônias. Outros ainda criaram sociedades em Oxford ou Cambridge e terminaram como diretores da faculdade ou de algumas escolas públicas.”*

(WOOLF, 1960, p. 186)

<sup>2</sup> N.T.: KCSI – Knight Commander of the Order of The Star of India e KCMG – Knight Commander of the Order of St. Michael e St. George. Estes eram títulos honoríficos concedidos àqueles que foram à Índia e às colônias britânicas.

A confusão destas considerações é digna de nota assim como a acuidade de suas informações. Existe tanto o reconhecimento quanto a incerteza dos dois fatores de sucesso: 'influência da família' e 'alto nível de inteligência individual'. Existe uma confusão ligada ao conceito de 'aristocracia intelectual', apoiada por um conjunto de exemplos (diretores de escolas e faculdades; subsecretários permanentes e editores) e figuras bem diferentes da classe dominante (generais, almirantes). Dentro de cada conjunto, na verdade, o efeito da proporção direta da proveniência de uma classe, incluindo a influência familiar, e a inteligência individual examinada ou demonstrada deveria ser avaliada de forma precisa. Uma vez que o que está sendo descrito é uma composição setorial, e as diversidades dentro desta composição precisam muito mais de uma descrição pre-



cisa que de uma auto-apresentação e uma fórmula de auto-recomendação — com sua metáfora deliberada e reveladora — de uma ‘aristocracia intelectual’.

Um outro ponto relevante, nesta significativa composição setorial, aparece na referência de Woolf ao ‘membros masculinos’. Um dos fatores que iria afetar a característica específica do grupo Bloomsbury, enquanto uma formação distinta da totalidade do setor, era a defasagem na educação mais elevada para as mulheres desta classe. Mesmo nos estágios iniciais, umas poucas mulheres destas famílias foram diretamente envolvidas; uma das irmãs de Strachey, Pernel, tornou-se diretora de Newham. Ainda assim, uma persistente assimetria sexual foi um importante elemento na composição do grupo Bloomsbury. Como coloca Woolf:

*“Nossas raízes e as raízes de nossa amizade estavam na Universidade de Cambridge. Das 13 pessoas mencionadas acima [como membros do antigo Bloomsbury] três são mulheres e dez são homens; dos dez homens, nove tinham estado em Cambridge.”*  
(WOOLF, 1964, p. 23)

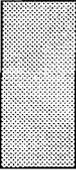
Os efeitos desta assimetria foram lembrados por Virginia Woolf de maneira irônica e com certa indignação em seu livro *A Room of One's Own and Three Guineas*.

O que é preciso então enfatizar, na formação sociológica de Bloomsbury, é, primeiro, a proveniência do grupo do setor profissional e mais altamente educado da classe superior inglesa, em suas amplas e sustentadas conexões como esta classe como um todo; segundo, o elemento da contradição entre algumas destas pessoas altamente educadas e as idéias e instituições de sua classe como um todo (a ‘aristocracia intelectual’, em um senso mais restrito, ou pelo menos alguns poucos deles, estavam colocando sua inteligência e educação para mostrar as conexões do ‘vasto sistema de convenções e hipocrisia’ mantido por muitas das instituições — ‘monarquia, aristocracia, classes superiores, burguesia suburbana, a Igreja, o Exército, o mercado de trocas’ — as

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

quais estavam incluídas entre os campos onde esta mesma 'aristocracia do intelecto' se destacava); terceiro, a contradição específica entre a presença de mulheres intelectuais altamente inteligentes, dentro destas famílias, e sua relativa exclusão das instituições masculinas dominantes e formadoras; e, quarto, as necessidades internas e as tensões desta classe como um todo, e especialmente de seu setor profissional e altamente educado, em um período que, a despeito de sua aparente estabilidade, foi marcado por crises sociais, políticas, culturais e intelectuais.

Podemos então dizer que o grupo Bloomsbury colocou-se à parte como uma fração distinta, conforme a segunda e a terceira razão acima descritas: a crítica social intelectual, e a ambigüidade da posição das mulheres. Tomados em conjunto, esses são os hábitos no momento de sua formação e de suas realizações. Mas o primeiro fator, da proveniência geral, deve ser tomado na definição das qualidades particulares desta fração: sua combinação sustentada e significativa de discordante influência e conexões poderosas. E o quarto fator indica algo sobre sua significância histórica geral: que em certos campos, notadamente aqueles da equalização sexual e tolerância, das atitudes frente à arte e especialmente das artes visuais, e das informalidades privadas ou semipúblicas, O grupo Bloomsbury foi um precursor de uma mutação mais geral dentro do setor profissional mais educado, e até certo ponto, para a classe dirigente inglesa no sentido mais geral. Uma fração, como foi ressaltado, geralmente executa este serviço para sua classe. Havia então uma certa liberalização, ao nível dos relacionamentos pessoais, do gosto estético e da abertura intelectual. Havia alguma modernização, ao nível das condutas semipúblicas, de mobilidade e contato com outras culturas, e de sistemas intelectuais mais adequados e mais amplos. Esta liberalização e modernização eram, é claro, tendências muito genéricas, nas circunstâncias de mudança social e especialmente após os choques da guerra de 1914-18 e, mais tarde, na perda do Império. Não se trata de afirmar que o grupo Bloomsbury causou estas mudanças, mas apenas de dizer que (e isto não é pouco) eles



foram proeminentes e relativamente coerentes como seus primeiros representantes e agentes. Ao mesmo tempo, a liberalização e modernização foram mais estritamente adaptações que mudanças básicas na classe, a qual, na sua função de dirigir as instituições centrais da classe dirigente, mesmo com todas as mudanças de costumes e após o recrutamento de outros em conformidade com seus hábitos, não apenas persistiu, mas permaneceu com sucesso devido a estas adaptações que tinham sido e continuavam a ser feitas.

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

### **A contribuição de Bloomsbury**

O que precisa então ser finalmente discutido é o caráter da contribuição cultural, intelectual e artística de Bloomsbury dentro do contexto de sua formação sociológica específica e sua significação histórica. Ainda assim, tal discussão enfrenta severas dificuldades teóricas e metodológicas. Não devem haver dúvidas ao se reduzir um número de contribuições individuais altamente específicas a alguns conteúdos genéricos grosseiros/toscas. Grupos culturais deste tipo — frações por associação ao invés de frações ou grupos de oposição segundo um manifesto ou programa — não podem em qualquer caso ser tratados desta forma. Do mesmo modo, as contribuições também não podem ser vistas em uma mera associação aleatória. É com esta disposição cuidadosa que devemos ler a interessante síntese de Leonard Woolf:

*“Sempre houve grupos de pessoas, escritores, artistas, que não eram apenas amigos, mas que estavam conscientemente unidos por uma doutrina ou objetivo comum, ou propósito artístico ou social. Os utilitaristas, os poetas Lake, os impressionistas franceses, os Pré-Rafaelitas ingleses, foram grupos deste tipo. Nosso grupo era bastante diferente. Sua base era a amizade, que, em muitos casos estava enraizada no amor e no casamento. A vivacidade de nossas mentes e pensamentos havia nos sido dada*



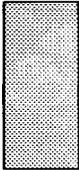
A fração Bloomsbury  
Raymond Williams

*pelo clima de Cambridge e pela filosofia de Moore, tanto quanto o clima da Inglaterra dá uma cor ao rosto de um inglês enquanto o clima da Índia dá uma cor bastante diferente ao rosto de um Tamil. Mas nós não tínhamos nenhuma teoria em comum, nem sistemas ou princípios aos quais nós desejássemos converter o mundo; nós não fazíamos proselitismo, nem éramos missionários, cruzados nem propagandistas. É verdade que Maynard produziu o sistema ou teoria Keynesiana de economia que teve um grande efeito sobre a teoria e prática da economia, finanças e política; e que Roger, Vanessa, Duncan e Clive tiveram importante papel, como pintores ou críticos, no que veio a ser conhecido como o movimento pós-impressionista. Mas a cruzada de Maynard pela economia keynesiana contra a ortodoxia dos bancos e contra os economistas acadêmicos, e a cruzada de Roger pelo pós-impressionismo e pela 'forma significativa' contra a ortodoxia da 'representação' acadêmica dos pintores e estetas foram tão puramente individuais quanto o fato de Virginia ter escrito *The Waves* — eles não tinham nada a ver com qualquer grupo. Uma vez que não havia mais que uma conexão pública entre o *Critical and Speculative Essays on Art*, de Roger; a *Teoria Geral do Emprego*, do Juro e da Moeda, de Maynard; e o Orlando, de Virginia do que havia entre a *Theory of Legislation*, de Bentham; o *Principal Picture Galleries in England*, de Hazlit; e o *Don Juan* de Byron.”*

(WOOLF, 1964, p. 26)

Empiricamente, essas considerações podem ser tomadas como verdadeiras, embora a comparação final seja puramente retórica: Bentham, Hazlit e Byron nunca estiveram associados de forma significativa, e seus nomes não estão em questão. Nem tão pouco a rejeição característica de uma “teoria, sistemas ou princípios comuns” é tão convincente quanto parece; as atitudes de Bloomsbury em relação ao sistema, pelo menos, estavam entre suas características comuns e de princípios mais evidentes.

Existe realmente algo no modo pelo qual Bloomsbury negava sua existência como um grupo formal, enquanto continua-



va a insistir nas suas qualidades de grupo, que é a pista para a definição essencial. O problema não era ter qualquer teoria ou sistema comum, não apenas porque isto era desnecessário — pior, isto poderia provavelmente ser algum dogma imposto — mas primariamente, como uma questão de princípio, porque tais teorias e sistemas eram um obstáculo para o verdadeiro valor organizacional do grupo, que era a livre expressão sem restrições do indivíduo civilizado. A força que o adjetivo ‘civilizado’ carrega, ou supõe carregar, não pode ser superestimada.

A fração Bloomsbury  
Raymond Williams

*“Na década anterior à guerra de 1914 havia um movimento político e social no mundo, e particularmente na Europa e na Grã-Bretanha, o qual parecia ser ao mesmo tempo maravilhosamente cheio de esperança e excitante. Era como se os seres humanos pudessem realmente estar a ponto de tornarem-se civilizados.”*

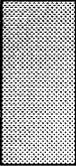
(WOOLF, 1964, p. 36)

Neste sentido, no seu mais amplo limite, Bloomsbury estava carregando os valores clássicos do iluminismo burguês. Ele era contra a hipocrisia, a superstição, a pretensão e o escândalo. Também estava contra a ignorância, a pobreza, a discriminação sexual e racial, o militarismo e o imperialismo. Mas ele estava contra todas estas coisas em um momento específico do desenvolvimento do pensamento liberal. Contra todos estes males, o que ele buscava não era qualquer idéia alternativa para toda a sociedade. Ao contrário, ele se valia do supremo valor do indivíduo civilizado, cuja pluralização, enquanto indivíduos cada vez mais civilizados, era ela mesma a única direção social aceitável.

O caráter profundamente representativo desta perspectiva e seu compromisso pode agora ser visto mais claramente. Ele é hoje a definição central da ideologia burguesa (a prática burguesa, obviamente, é outra coisa). Ele comanda os ideais públicos de uma faixa bastante ampla de opiniões políticas ortodoxas, desde os conservadores modernos até ao liberais e os mais representativos social-democratas. É a filosofia da soberania do indivíduo

civilizado, não apenas contra todas as forças obscuras do passado, mas também contra todas as outras forças sociais reais, as quais em conflitos de interesses, em clamores alternativos, em outras definições da sociedade e dos relacionamentos, podem ser rapidamente vistas como inimigas assim como podem rapidamente ser distribuídas ao mais distante limite que é marcado por sua própria definição de 'civilizado'. Aquela confiança inicial em sua posição, no período anterior a 1914, tem em seu longo encontro com todas estas outras forças sociais reais, o sentido de "decadência a todo vapor", conforme expressão de Leonard Woolf. Por toda esta contínua ortodoxia geral, ele aparece agora muito mais freqüentemente como alguém que cerca suas posições ao invés de alguém que tenta expandi-las. A repetição de seus dogmas então, por sua vez, torna-se cada vez mais ideológica.

O momento de Bloomsbury nessa história é significativo. Em sua prática — assim como na sensibilidade dos romances de Virginia Woolf e E.M. Foster — ele poderia oferecer evidências muito mais convincentes da substância do indivíduo civilizado que a expressão "reagrupamento ortodoxo". Em sua teoria e prática, desde a economia keynesiana até seu trabalho para a Liga das Nações, o grupo realizou poderosas intervenções no sentido de criar as condições políticas, econômicas e sociais nas quais os indivíduos, libertados da guerra, da depressão e dos preconceitos, poderiam estar livres para ser e para tornarem-se civilizados. Assim, em suas exemplos pessoais e em suas intervenções públicas, Bloomsbury assumiu posições sérias, dedicadas e inventivas de uma forma como nunca havia existido antes no século XX. De fato, o paradoxo de muitos dos julgamentos retrospectivos de Bloomsbury é que o grupo viveu e trabalhou sua posição com uma nova e desconfortável sinceridade: desconfortável, quer dizer, pelo menos para muitos daqueles para quem o 'individualismo civilizado' é uma idéia sintetizadora para um processo de consumo conspícuo e privilegiado. Não se trata de uma tentativa de separar as posições de Bloomsbury daqueles desenvolvimentos posteriores: existem algumas continuidades reais, como no



culto da proeminente-compreensiva-devastação, e em certas armadilhas que emergiram, como na economia keynesiana e nas alianças militares e monetárias. Mas precisamos ainda ver as diferenças entre o fruto e sua podridão, ou entre a semente cultivada em meio a grandes expectativas e sua árvore elegantemente deformada.

Mas, então, à medida que vemos tanto as conexões quanto as diferenças, precisamos continuar a analisar as obscuridades e os enganos da posição original em torno da qual Bloomsbury definiu a si mesmo. Isto pode ser feito de maneira séria ou des preocupada. Deixe-nos por um momento optar pela última, em um dos próprios costumes de Bloomsbury. Pode ser dito, e foi geralmente dito, que o grupo não tinha uma posição comum. Mas, enfim, por que eles precisariam de uma? Se olharmos com cuidado veremos que havia Virginia e Morgan na literatura; Roger, Clive, Vanessa e Duncan nas artes; Leonard na política; Maynard na economia. Estas áreas não cobriam o total interesse de todas as pessoas civilizadas? Talvez com uma exceção, mas nos anos 20, de maneira significativa, isto era remediado. Um número de associações e relações do grupo — Adrian e Karin Stephen, James Strachey — adotaram a nova prática da psicanálise, e a editora Hogarth Press de Leonard e Virginia Woolf — sua própria criação direta e notável — efetivamente introduziu o pensamento freudiano em língua inglesa. Assim, à impressionante lista de Virginia e Morgan na literatura, Roger, Clive, Vanessa e Duncan nas artes, Leonardo na política e Maynard na economia, poderíamos, por assim dizer, acrescentar Sigmund no sexo.

É tentador negar todas essas afirmações, mas a questão subjacente é séria. O trabalho e o pensamento do grupo Bloomsbury, e aquele outro trabalho e pensamento que lhe é efetivamente associado e apresentado — incluindo, é preciso dizer, a poesia 'comunista' inicial dos anos 30 — são notáveis, à primeira vista, por seu ecletismo, por suas evidentes desconexões. Neste sentido, é compreensível que qualquer um pudesse voltar e perguntar, retoricamente, que conexões poderiam haver entre Clive Bell na

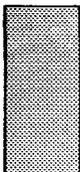
**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

arte e Keynes no emprego, ou Virginia Woolf na ficção e Leonard Woolf na Liga das Nações, ou Lytton Strachey em história e os freudianos em psicanálise. É certo que não podemos colocar todos estes trabalhos juntos e fazer deles uma teoria comum. Mas é óbvio que esta é a questão central. As diferentes posições que o grupo Bloomsbury reuniu, e as quais eles efetivamente disseminaram como sendo os conteúdos da mente de um indivíduo civilizado, moderno e educado, são todos, em efeito, alternativas a uma teoria comum. Não é preciso perguntar, enquanto essas impressões perduraram, se as generalizações de Freud sobre a agressão são compatíveis com o trabalho desenvolvido para a Liga das Nações; ou se suas generalizações em arte são compatíveis com a idéias de Bell de ‘forma significante’ e ‘êxtase estético’, ou se as idéias de Keynes sobre a intervenção pública no mercado são compatíveis com a profunda concepção da sociedade como um grupo de amigos e de relações. Não é preciso perguntar por que a integração efetiva já havia tomado lugar, ao nível do ‘indivíduo civilizado’, a definição singular de todas as melhores pessoas, seguras em sua autonomia mas voltando sua atenção para aqui e acolá, conforme a ocasião exija. E o objetivo que governa todas as intervenções públicas é o de assegurar este tipo de autonomia, encontrando formas de diminuir as pressões e conflitos, e de evitar desastres. A consciência social, no fim, existe para proteger a consciência privada.

Onde isto possa ser assegurado sem este tipo de proteção — nas formas privilegiadas de certos tipos de arte, recusando o ‘sacrifício... para a representação’ como ‘algo roubado da arte’ (BELL, 1914, p. 44), ou de certos tipos de ficção, como em Virginia Woolf rejeitando de modo zombeteiro a descrição social —

*“Começa dizendo que seu pai possuía uma loja em Harrogate. Descobrir exatamente qual a renda. Descobrir exatamente os salários dos funcionários da loja, em 1878. Descobrir do que sua mãe morreu. Descrever o câncer. Descrever algodão. Descrever...”*

(WOOLF, 1924, p. 18)



— ou nas formas disponíveis e significantes de relacionamento pessoal e de prazer estético — também não há conflito apesar de alguns detalhes “incômodos” com a consciência social. Ao contrário, esta sensibilidade mais elevada é o tipo de vida a qual é sua meta e modelo, após a remoção racional dos conflitos (‘desnecessários’) e das contradições e maneiras de despojamento.

Para o bem da vida pessoal e da arte, conforme Clive Bell declara:

*“A sociedade pode fazer alguma coisa... porque ela pode aumentar a liberdade... Até mesmo os políticos podem fazer alguma coisa. Eles podem repelir as leis de censura e abolir as restrições à liberdade de pensamento, de linguagem e de conduta. Eles podem proteger as minorias. Eles podem proteger a originalidade do ódio da multidão medíocre.”*

(BELL, 1914, pp. 274-5)

Isto nem sempre é aquela estranha mistura de doce e azedo. Isto, na verdade, nunca está livre das conotações de classe, como de novo vemos explicitamente em Bell:

*“A liberação não será completa até que aqueles que aprenderam a desprezar a opinião das classes médias baixas aprendam também a abandonar os padrões e a desaprovar as pessoas que são forçadas por suas limitações emocionais a ver a arte como uma elegante amenidade .... O conforto é o inimigo; a luxúria é simplesmente o defeito da burguesia.”*

(BELL, 1914, pp. 273-4),

E continuando em tom desafiante:

*“O mínimo que o Estado pode fazer é proteger quem tem algo a dizer e que pode causar tumulto. O que não causar tumulto provavelmente não vale a pena ser dito.”*

(BELL, 1914, p. 275),



**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

Ainda assim, após ter dito tanto, não houve tumultos. Por causa de todas suas excêntricas, incluindo as valiosas excêntricas, Bloomsbury estava articulando uma posição a qual, ainda que em instâncias cuidadosamente dilatadas, iria tornar-se uma norma 'civilizada'. No próprio poder de sua demonstração de uma sensibilidade privada que deveria ser protegida e ampliada através de formas de interesse público, eles introduziram as formas efetivas de dissociação ideológica contemporânea entre a vida 'pública' e 'privada'. A consciência de sua própria formação enquanto indivíduos na sociedade, daquela formação social específica que os fez explicitamente um grupo e implicitamente uma fração de uma classe, não estava apenas além de suas realizações; ela foi diretamente desconsiderada, uma vez que o indivíduo livre e civilizado tinha já seus detalhes estabelecidos. A psicanálise poderia ser integrada a isto, mas apenas como um estudo a-histórico das formações individuais específicas. As políticas públicas poderiam ser integradas a isto, enquanto fossem dirigidas para a reforma e o reparo da ordem social a qual tinha produzido estes indivíduos livres e civilizados; mas a qual, através da estupidez e anacronismo agora ameaçava sua existência e sua reprodução indefinida e generalizada. A natureza final de Bloomsbury, enquanto grupo, é que ele foi realmente, e diferencialmente, um grupo formado por indivíduos livres e para indivíduos livres. Qualquer posição comum, enquanto distinta desta suposição, poderia então tê-lo rompido, ainda uma série completa de posições especializadas, teria se tornado naturalizada — embora agora mais evidentemente incoerente — em todas as fases posteriores da cultura inglesa. É neste exato sentido que este grupo de indivíduos livres deve ser visto, finalmente, como uma fração (civilizada) de sua classe. ■



WILLIAMS, Raymond. The Bloomsbury fraction. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, 6: 139-168, 1.sem. 1999

**A fração Bloomsbury**  
Raymond Williams

*Abstract: The author discusses the importance of sociological analysis of cultural groups, focusing the Bloomsbury Group, formed in England, in the first decades of the Twentieth Century, in which took part renowned talents such as Virginia Woolf and Maynard Keynes. The author tries to find ways of discussing their formation which acknowledge the terms in which they saw themselves and would wish to be presented. Williams analyses the general social and cultural significance of the group, through their shared values, specially personal affection and aesthetic enjoyment, that made Bloomsbury represented a "new style". Moreover, its members are considered the forerunners in a more general mutation within the professional and highly educated sector. They were also carrying the classical values of bourgeois enlightenment and defending the supreme value of the civilised individual, whose pluralization was itself the only acceptable social direction.*

*Uniterms: Bloomsbury, cultural groups, cultural sociology, individualism, modernity*

## BIBLIOGRAFIA

BELL, Clive. *Art*. London, 1914.

WOOLF, Leonard. *Sowing*. London, 1960.

\_\_\_\_\_. *Beginning again*. London, 1964.

WOOLF, Virginia. *Mr. Bennet and Mrs. Brown*. London, 1924.